

PODER E GÊNERO NA REPÚBLICA DE GILEAD: UMA LEITURA SIMBÓLICA À LUZ DA TEORIA DO IMAGINÁRIO

Jeanine Casagrande¹

RESUMO

No presente trabalho são analisados símbolos presentes na República de Gilead, país fictício descrito na obra *O Conto da Aia* escrita por Margaret Atwood. Nosso objetivo geral era verificar como os símbolos característicos da República de Gilead, sociedade hierárquica na qual se ambienta o livro *O Conto da Aia*, colaboravam para manter a estrutura de dominação descrita na obra. Visando alcançar esse objetivo, introduzimos de forma breve a narrativa juntamente com o contexto necessário para compreender o essencial em seu enredo, identificamos e selecionamos alguns símbolos que foram aprofundados neste texto, assim como o significado que cada um desses símbolos exprimia, e analisamos como esses símbolos colaboravam para assegurar a posição de poder daqueles que estavam no topo da hierarquia social de Gilead, à luz da Teoria do Imaginário. Concluímos este texto ponderando sobre os perigos de um governo autoritário que, não só na ficção, mas também na história, parece ameaçar de forma mais significativa as classes menos prestigiadas e com menor influência política, em especial as mulheres.

Palavras-chave: *O Conto da Aia*, República de Gilead, Imaginário, Gênero

INTRODUÇÃO

A obra *O Conto da Aia*, escrita pela autora canadense Margaret Atwood, descreve uma sociedade autoritária e teocrática que suprime especialmente os direitos das mulheres. A violência é constantemente utilizada como uma ferramenta para a manutenção do poder daqueles que estão no topo da hierarquia social na República de Gilead, país fictício descrito no livro.

Além da violência, outra característica muito marcante nessa sociedade distópica é a manipulação de símbolos. O controle sobre os habitantes dessa sociedade é constante, partindo de aspectos simples, como a cor da roupa, até questões relativas ao próprio corpo e sexualidade, monitorados sob uma justificativa de ordem religiosa.

Neste trabalho, investigamos à luz da Teoria do Imaginário se os símbolos presentes na República de Gilead, país fictício presente na obra *O Conto da Aia*, colaboram para a manutenção do poder daqueles que estão no topo da hierarquia social. Desejamos, portanto,

¹ Mestranda do Curso de Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul – RS, jcasagrande2@ucs.br



responder de que maneira os símbolos que foram identificados ao longo do trabalho são determinantes para a preservação do patriarcado e do status social em voga.

A escolha desse tema foi feita considerando a relevância das discussões promovidas pelo movimento feminista, que são essenciais para afirmar o direito da escolha das mulheres sobre as decisões referentes ao próprio corpo e as atividades que deseja desempenhar. O livro *O Conto da Aia*, por ter as mulheres como objeto principal de repressão na história narrada, provoca reflexão sobre as discussões mencionadas anteriormente.

Por fazer uma crítica a opressão de gênero, a análise dos símbolos presentes na obra, que funcionam como uma ferramenta para garantir a subjugação feminina, ocupa um papel de relevância social. Fora da ficção, as desigualdades de gênero também se perpetuam. Logo, faz parte do exercício da nossa cidadania compreender a criação de mitos políticos e sociais para que possamos desconstruí-los se necessário.

Como objetivo geral, desejamos verificar como os símbolos característicos da sociedade hierárquica da República de Gilead, presente no livro *O Conto da Aia*, colabora para manter a estrutura de dominação descrita na obra. Sobre os objetivos específicos, pretendemos, à luz da Teoria do Imaginário, identificar e selecionar alguns símbolos presentes no livro *O Conto da Aia*, explicar os sentidos possíveis de cada símbolo selecionado e analisar como os símbolos colaboravam para a assegurar a posição de poder daqueles que estavam no topo da hierarquia social de Gilead.

O próximo capítulo abarca a revisão teórica da Teoria do Imaginário, e traz fundamentos basais para que se possa compreender o papel essencial que os símbolos desempenham em uma sociedade totalitária como a de Gilead. Na seção subsequente, serão selecionados, explicados, e por fim, analisados, alguns dos símbolos presentes na obra.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma análise qualitativa de natureza bibliográfica e interpretativa. O percurso metodológico foi iniciado com a delimitação do Corpus, sendo esse a obra *O Conto da Aia*, e a seleção de dados a partir da leitura da narrativa. Sendo assim, foi possível identificar elementos simbólicos pertinentes à estrutura social da República de Gilead. Os símbolos foram selecionados considerando a frequência com que apareciam na história, a facilidade de identificação e a influência exercida sobre o imaginário social e a hierarquia da sociedade fictícia do livro.



Em sequência, foi realizada a análise dos símbolos com base na Teoria do Imaginário. Este referencial teórico permitiu a categorização dos símbolos identificados em Regime Diurno - associado à ordem, hierarquia e poder solar, e Regime Noturno - associado a mistério, ciclos e resistência.

Além disso, a análise dos dados teve como procedimento inicial a extração dos trechos literários que continham os símbolos selecionados. Em sequência, foi realizada a codificação do significado de cada símbolo constringo o símbolo selecionado no contexto de Gilead com a Teoria de Imaginário e os sentidos apresentados no dicionário de símbolos utilizado. Dessa forma, verificou-se como esse símbolos atuam na prática para a manutenção do poder patriarcal e da hierarquia social atuando como mitos atualizados ou potencializados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na sua obra *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Durand fala sobre a organização do imaginário e apresenta como símbolos, mitos e arquétipos se organizam em diferentes culturas. Visando identificar os padrões existentes nessa estrutura, ele faz uso de narrativas e imagens, que independentemente de serem fictícias ou reais, são de conhecimento geral, e aponta como os símbolos presentes nelas constituem o imaginário coletivo (Durand, 1997).

O autor também discorre sobre um medo comum ao ser humano, o trauma da morte, que serviu de motivação para a criação de muitos mitos e de muitos heróis ao longo da história. Em resposta a essa questão, Durand propõe que o imaginário humano se divide em Regime Diurno e Regime Noturno (Durand, 1997).

Esses dois regimes são ao mesmo tempo antagônicos, pois um faz referência ao dia e o outro a noite, e complementares, pois é possível analisar um mesmo símbolo por mais uma perspectiva. O Regime Diurno representa símbolos solares e heroicos, e faz alusão a luz, a ordem e a hierarquia. Já o Regime Noturno representa os símbolos lunares, a noite, o mistério e a existência de ciclos (Durand, 1997).

Os mitos, por serem narrativas cheias de símbolos, se organizam de acordo com os regimes apresentados. Além disso, vários deles podem existir e se sobrepor numa mesma sociedade ao mesmo tempo. No entanto, há os mitos atualizados que existem à luz do dia, eles recebem validação social e lutam pela preservação do seu status, assim como há os mitos potencializados que existem as sombras e incitam a transformação social (Durand, 2001).



Considerando a obra *O Conto da Aia*, há pelo menos dois mitos coexistindo na República de Gilead. O primeiro é um mito atualizado e diz respeito a narrativa imposta pelos Comandantes que se utilizam de símbolos pertencentes ao Regime Diurno almejando a manutenção do patriarcado, o outro é um mito potencializado que faz uso de símbolos do Regime Noturno para a preservação e progresso da resistência feminista que precisa agir na escuridão. Tendo como base os exemplos recém comentados, confirmamos a ideia de que o mito atualizado reprime e exclui o mito potencializado do imaginário coletivo para que a sua posição de prestígio não seja ameaçada (Durand, 2001).

No próximo capítulo são explorados alguns dos símbolos presentes no livro *O Conto da Aia*. Além da identificação dos símbolos atrelados a extratos da obra, o significado de cada símbolo para o contexto de Gilead também é esclarecido. Através dessa leitura teremos os recursos necessários para compreender o papel fundamental que os símbolos exercem no imaginário coletivo dos personagens do romance, e por consequência, na preservação do poder daqueles que o detém.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados símbolos presentes na obra *O Conto da Aia*. Devido a limitação de páginas deste trabalho, foi necessário selecionar apenas alguns símbolos para serem comentados, o que resultou na exclusão de símbolos da análise a ser desenvolvida. A escolha dos símbolos foi realizada considerando os seguintes critérios: a frequência com que aparecem na obra, a fácil identificação e o grau de influência que eles exercem no imaginário social de Gilead.

Por se tratar de uma sociedade teocrática, as referências a Deus e a personagens da Bíblia são bastante frequentes. Os elementos bíblicos são utilizados para afirmar e cobrar através da fé os comportamentos esperados de cada membro da sociedade, especialmente as mulheres, e, portanto, justificar a posição de submissão a qual elas estão submetidas.

Tomemos como exemplo o casal original de acordo com a Bíblia - Adão e Eva. Adão, simboliza o primeiro homem e é a grande obra-prima de Deus. Enquanto Eva que foi feita a partir da costela desse homem, é vista como inferior em relação àquele considerado o homem dos homens, logo a sua posição de submissão em relação a ele estaria justificada (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Há uma passagem no livro *O Conto da Aia* que retrata esse cenário de forma clara, conforme podemos ver a seguir:



Mas (conforme são apropriadas às mulheres que professam a meiguice) com boas obras.

Que a mulher aprenda em silêncio com toda a sujeição. Aqui ele lança um olhar para nós. –Toda – repete ele.

-Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas se mantenha em silêncio.

Pois primeiro Deus criou Adão, depois Eva.

E Adão não foi enganado, mas a mulher ao ser enganada cometeu a transgressão.

Não obstante isso ela será salva pela concepção, se continuar na fé e caridade e santidade com sobriedade. (Atwood, 2017, p. 277).

Outro símbolo próprio da obra é o olho. Esse termo simboliza uma abertura ao conhecimento e está relacionado ao intelecto. Além disso, também nos lembra do olho divino, aquele que tudo vê e, portanto, tudo sabe (Gheerbrant, 2001). No romance em análise, o termo Olho aparece com letra maiúscula para designar um grupo de pessoas que estão disfarçadas vigiando a todos e garantindo o cumprimento das regras. Vide o trecho a seguir:

Espero um estranho, mas é Nick quem abre e empurra a porta, acende a luz. Não consigo situar isso, a menos que ele seja um deles. Sempre houve essa possibilidade. Nick, o Olho, investigador particular. Trabalho sujo é feito por gente suja (Atwood, 2017, p. 363).

Além do papel intimidador descrito acima, essa mesma palavra também aparece fazendo referência ao olho de Deus e lembrando a todos da sua onipresença e sabedoria, conforme vemos a seguir:

Passamos pelas lojas e chegamos de novo à barreira de controle, e somos autorizadas a passar. Seguimos em frente em meio às grandes casas de aparência vazia, com os gramados sem ervas daninhas. Na esquina perto da casa onde é meu posto de serviço, Ofglen para, se vira para mim.

-Sob o Olho Dele – diz ela. A despedida correta.

-Sob o Olho Dele – respondo, e ela me faz um pequeno sinal de cabeça. (Atwood, 2017, p. 61).

Expressões como “Sob o Olho Dele”, vista no excerto anterior, e “Louvado seja” que será apresentada em seguida, são comuns no livro e contribuem para a consolidação da identidade de Gilead. Essas expressões fazem parte da língua utilizada pelos habitantes da sociedade em questão e refletem a sua cultura e crenças utilizar essas expressões torna os falantes parte de um grupo social (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Segue: “-A guerra está indo bem - diz ela. -Louvado seja – respondo (Atwood, 2017, p. 30).”

Em consonância com o uso das expressões citadas, a linguagem também desempenha um papel determinante para a nomeação das Aias na República de Gilead. O nome civil não é mais utilizado quando uma Aia assume um posto na casa de um Comandante. Ela passa a receber um nome criado a partir da partícula em inglês “of”, “de” em português, juntamente com o nome do Comandante ao qual ela foi designada.



Conforme veremos no exemplo a seguir, a partícula “of” está unida com o nome próprio Glen: “Esta aqui é um pouco mais roliça do que eu. Seus olhos são castanhos. O nome dela é Ofglen, e isso é mais ou menos tudo que sei a seu respeito (Atwood, 2017, p. 30).” Essa construção apresenta a mulher como uma propriedade de várias maneiras. Primeiramente, a tradução literal de “Ofglen” seria “Do Glen”, o que indica a ideia de pertencimento da mulher ao homem. Em segundo lugar, ao não se permitir a mulher usar o seu nome civil, se está privando-a da própria identidade, um tratamento dado a objetos e/ou animais.

O uso do nome, como símbolo, transmite o efeito de dar poder a quem o nomeia, como fez Adão a nomear os animais de acordo com a história bíblica. Além disso, o nome é uma manifestação individual e pode estar associado a função social que um indivíduo representa (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Sendo assim, ao nominar as Aias da maneira descrita, se está reafirmando o poder dos Comandantes sobre elas, assim como atestando a posição social delas e as privando de individualidade.

É significativo também comentar o papel que as vestimentas e as cores atribuídas exercem na identificação dos membros da sociedade em Gilead. Cada grupo social é identificado pela cor das suas roupas, logo, podemos afirmar que as vestes se assemelham a uniformes que têm como função identificar um grupo e suprimir a identidade individual (Chevalier; Gheerbrant, 2001).

A cor das Aias é o vermelho, cor do sangue, que remete a paixão, a intensidade, o calor, assim como a vida e a morte (Chevalier; Gheerbrant, 2001). No extrato a seguir é possível identificar uma breve descrição sobre as vestes de diferentes grupos sociais:

Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas de tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas (Atwood, 2017, p. 37).

Conforme comentado anteriormente, existem outros símbolos que poderiam ser explorados na obra *O Conto da Aia* visando a compreensão de como um regime totalitário e teocrático como o do livro opera. No entanto, através dos símbolos até então apresentados e analisados já temos as condições necessárias para entender a influência que os símbolos, e por consequência, os mitos exercem no imaginário social e na perpetuação do poder vigente no romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em linhas gerais, os símbolos analisados nesse trabalho são parte do Regime Diurno e contribuem para a manutenção da hierarquia estabelecida na República de Gilead. Existem símbolos subversivos que fazem parte do Regime Noturno, como a menção ao nome antigo das Aias ou o quarto da protagonista à noite, quando ela está sozinha e pode lembrar sobre a sua vida antes de se tornar Aia. A esses símbolos são atribuídos a resistência feminista na obra *O Conto da Aia*, mas eles não foram priorizados neste trabalho. É relevante também ressaltar que um mesmo símbolo pode ser considerado parte do Regime Diurno e/ou Noturno dependendo da perspectiva que for analisado e da sua atuação no livro.

No caso dos elementos bíblicos, Adão é um representante claro dos símbolos pertencentes ao Regime Diurno, enquanto Eva é uma heroína noturna que pecou ao provar do fruto proibido. Apesar da dualidade presente neste mito, ele traz a reflexão sobre as consequências de desobedecer a Deus e incita culpa em quem pecar, aspectos que podem ser usados como ferramentas para estimular um comportamento de acordo com as regras, principalmente por parte das mulheres, e a consequente manutenção de uma hierarquia social.

Os Olhos são retratados na história como seres solares guiados por Deus, mas por instigarem o medo de serem pegos nos transgressores e/ ou opositores de Gilead também promovem um comportamento de acordo com os preceitos estabelecidos e a continuidade da ordem. No que diz respeito a linguagem, tanto as expressões utilizadas quanto os nomes dados as Aias representam uma tentativa de criar regularidade e uma identidade nacional em detrimento da identidade do indivíduo. A utilização desses recursos contribui para manipular a percepção e, portanto, o imaginário coletivo a respeito daquela cultura.

As vestes e as cores mandatórias atuam como um meio de fácil identificação e reconhecimento social. Elas padronizam cada membro da sociedade em análise e promovem as ideias de ordem e hierarquia. Sob essa perspectiva, seriam símbolos do Regime Diurno, mas também são consideradas como símbolos do Regime Noturno quando na história são utilizadas como um disfarce visando serem invisíveis para desempenhar tarefas da resistência feminista.

O reconhecimento de todos esses símbolos e os papéis que eles desempenham nos permite identificar as ferramentas utilizadas por opressores e/ ou influenciadores para controlar a opinião pública, justificar medidas violentas ou impopulares e influenciar narrativas.

As reflexões trazidas neste trabalho foram viabilizadas pela Teoria do Imaginário, ela pode ser aplicada para outros trabalhos literários, mas também tem uso fora da ficção. Esta teoria pode ser utilizada para refletirmos sobre a nossa sociedade e percebermos se e como o nosso



imaginário está sendo manipulado. Este é o primeiro passo rumo a liberdade e o exercício pleno da cidadania.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. p.366.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: M. Fontes, 1997. p. 551.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: Ensaio acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras, 2001. p. 128.

